



COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: <https://coloquio.gulbenkian.pt>

[Recensão crítica a 'Historiografia da Literatura Brasileira. Textos Fundadores (1825-1888)', de Roberto Acízelo de Souza]

Alva Martínez Teixeira

Para citar este documento / To cite this document:

Alva Martínez Teixeira, "[Recensão crítica a 'Historiografia da Literatura Brasileira. Textos Fundadores (1825-1888)', de Roberto Acízelo de Souza]", *Colóquio/Letras*, n.º 189, Maio 2015, p. 283-285.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

NOTAS

- ¹ Ana Hatherly, *463 Tisanas*, Lisboa, Quimera, 2006.
- ² Henri Meschonnic, *Pour la poétique II. Epistémologie de l'écriture. Poétique de la traduction* [1973], Paris, Gallimard, 2001, p. 149.

ENSAIO

HISTORIOGRAFIA DA LITERATURA BRASILEIRA TEXTOS FUNDADORES (1825-1888)

Organização de Roberto Acízelo de Souza
Rio de Janeiro, Editora Caetés / 2014

O valioso labor de levantamento e estudo de textos de fundação da história da literatura brasileira realizado por Roberto Acízelo de Souza — e cujo resultado primeiro foi uma série de publicações parciais das matérias por ele reunidas — resultou na publicação, no ano de 2014, da *Historiografia da Literatura Brasileira: Textos Fundadores (1825-1888)*.

Essa vasta e abrangente obra, organizada em dois volumes, constitui uma das mais felizes iniciativas recentes destinadas a sistematizar a história da cultura brasileira, pois permite, ao especialista e ao público em geral, acompanhar a evolução da história da literatura no período em que a *intelligentsia* assumiu a missão de estabelecer as bases dessa incipiente disciplina e, paralelamente, de tentar delimitar um cânone literário e artístico próprio, em conformidade com o processo de autonomia da nova nação latino-americana.

O dilatado e tipologicamente variado *corpus* textual antologizado — de caráter introdutório, ensaístico ou epistolar — é precedido por três partes: uma nota preliminar, uma introdução e, finalmente, os critérios de edição. A introdução abre com uma breve explicação dos critérios

de seleção, assim como do período em estudo: do documento mais antigo da historiografia literária do Brasil, que remonta ao ano de 1825, à consolidação da história literária nacional, na década de 1880. A seguir, é-nos apresentada uma sintética classificação dos documentos e excertos de documentos editados e a diversa natureza e dimensão dos seus contributos. Finalmente, o autor, numa terceira parte da «Introdução», expõe algumas reflexões metodológicas sumárias a respeito da evolução da história literária no Brasil do século xx.

Relativamente a esta última questão, muito embora estejamos conscientes do caráter conciso do prefácio, parece-nos insuficiente a desequilibrada ponderação dos diversos contributos para a história literária brasileira de autores como Alfredo Bosi, José Guilherme Merquior, Massaud Moisés e José Aderaldo Castello, comparativamente ao «intenso ânimo de revitalização das bases da nossa história literária» (I, 21) presentes, segundo o autor, apenas nas obras de Afrânio Coutinho, *A Literatura no Brasil*, e de Antonio Candido, *Formação da Literatura Brasileira*.

As referenciais e/ou monumentais histórias da literatura destes autores, nomeadamente, as de Alfredo Bosi e Massaud Moisés, merecem, sem dúvida, mais do que a lacónica alusão simplificadora que a seguir se reproduz: «certamente meritorias sob diversos aspectos, porém mais ou menos alheias à reflexão em profundidade sobre os fundamentos teóricos e metodológicos da disciplina» (*ibid.*).

Enfim, continuando com a rigorosa organização da obra, os textos são reunidos, por ordem cronológica, em módulos que contêm o contributo de cada autor ou autores. No início dos módulos, o organizador apresenta, criteriosa e sucintamente, as informações mais relevantes para a

adequada compreensão das ideias e propostas dos autores oitocentistas. Os documentos são precedidos de uma elucidativa e pertinente nota biobibliográfica que permite ao leitor ponderar, entre outras tendências características do século XIX, os fortes laços existentes no Brasil oitocentista entre a atividade intelectual e a vida pública e política ou o enorme leque de interesses culturais dos autores, frequentemente polígrafos. Roberto de Souza escolhe e reproduz, com precisão e escrúpulo, os juízos críticos mais significativos sobre a obra dos autores escolhidos. A este respeito é notável a investigação bibliográfica realizada, assim como o caráter lúcido e avisado das infêrencias e comentários que introduz; lucidez que ilumina, também e finalmente, a contextualização das achegas textuais selecionadas em cada um dos módulos.

Neste sentido, outro aspeto que convém evidenciar é a pertinência com que refere assuntos basilares para a correta interpretação dos textos e da evolução historiográfica, sejam eles de importância maior ou menor, como os relativos aos contributos controvertidos, singulares ou excêntricos no campo em estudo. A título de exemplo, podemos citar a lusofilia demonstrada pelo afamado poeta romântico Álvares de Azevedo na sua defesa da existência de uma literatura comum luso-brasileira, num tempo, como sublinha o organizador, «de acentuada lusofobia» (I, 384), ou o caso de José Inácio de Abreu e Lima, autor que, de modo polémico, em *Bosquejo Histórico, Político e Literário do Brasil* se mostrara «extremamente céptico quanto à possibilidade de existência de uma literatura nacional brasileira» (I, 70), revelando ao leitor contemporâneo uma visão antagónica ao convencional ufanismo a respeito da exuberância natural do Brasil, presente num grande número dos textos reproduzidos na antologia.

Como sabemos, no século XIX, particularmente, no primeiro momento romântico, foram fixados novos padrões de cultura, como o tópico do carácter distintivo da natureza brasileira, numa dialética mais ou menos explícita entre a decadência civilizatória das antigas metrópoles da Europa e a promessa inspiradora, revigorante e virginal representada pelos vergeis do «Novo Mundo», tópico que em diversos casos nesta coletânea origina máximas como a de que «faz a natureza poetas aos brasileiros» (I, 160), expressa por João Manuel Pereira da Silva. Contrariamente a essa tendência, o texto selecionado da referida obra de Abreu e Lima oferece-nos uma incomum divergência a respeito do sempiterno *locus amoenus*, numa cáustica e apocalíptica inversão da mesma em *locus horribilis*: «não temos pudor para dizer ‘terra privilegiada, clima delicioso, natureza fecunda, em cujo seio se vê obrando a cada passo o dedo do Criador’, e outras parvoíces semelhantes; sem lembrarmo-nos que, contemplando os nossos bosques somos envenenados por uma serpente ou devorados por um tigre; que à beira de nossos lagos e rios estamos expostos a ser presa de um monstro aquático» (I, 72).

Além da mera curiosidade, são de grande interesse para os especialistas diversas informações apresentadas pelo organizador, como as relativas a certas polémicas relevantes no período. A título de exemplo, podemos referir a célebre controvérsia relativa à questão da língua literária, que, como outros assuntos de relevo, mantém, sob certos aspetos, atualidade, demonstrada pela argumentação de Gonçalves Dias perante a censura do «abrasileiramento» da língua: «Os 8 ou 9 milhões de brasileiros terão o direito de aumentar e enriquecer a língua portuguesa e acomodá-la às suas necessidades como os 4 milhões de habitantes que po-

voam Portugal? Pois se queremos introduzir qualquer indústria no Brasil, habemos de esperar que daqui nos batizem as mil ideias que elas suscita [*sic*?]» (II, 16).

Trata-se de um assunto central que, graças à criteriosa seleção adotada, podemos compreender em todo o seu alcance, aquém e além-mar, pois a obra recolhe achegas de diversos autores brasileiros que se envolveram nas intensas discussões em torno da língua literária, alguns dos quais responderam às conhecidas críticas de Pinheiro Chagas.

Igualmente, resultam de grande utilidade as observações a respeito da evolução da disciplina em estudo: das concepções românticas e historicistas à atitude cientificista ou aos métodos sociológicos adotados no clima pós-romântico dominante nas últimas décadas e textos contemplados pela antologia.

O autor da coletânea ressalta na referida contextualização de cada módulo, sempre que pertinente, o caráter complexo e gradativo das mudanças, ciente dos problemas de uma organização da historiografia literária conforme o hábito, redutor, de periodizá-la rigidamente segundo escolas. A opção por uma periodização estática e inflexível interromperia o *continuum* de uma época fortemente marcada pelo nacionalismo e pela tarefa prioritária de analisar — e reorientar — a literatura em chave nacional, impossibilitando a apresentação compreensível das teorias e ideias expostas pelos autores.

Em vez disto, a complexidade dessa evolução é evidenciada através de uma periodização lata, em que o organizador destaca a continuidade do processo e de certas ideias e tópicos surgidos no Romantismo, mas amplamente hegemônicos no Brasil durante todo o período abrangido, evoluindo posteriormente num ambiente dominado pelo positivismo ou o evolucionismo, como demons-

tra, aproveitando o tópico antes referido, o ensaio «A Literatura Brasileira Contemporânea», de João Capistrano de Abreu, que persevera na ideia da influência da paisagem natural, interpretada agora, como sublinha o organizador, em termos cientificistas.

Como se pode inferir do que foi dito, esta obra representa um inestimável contributo para o estudo da história e da evolução dos fundamentos conceituais da história literária num momento histórico crucial no Brasil e, conseqüentemente, da sua cultura e literatura. Com rigor cronológico, coesão e caráter sistemático, a antologia oferece ao leitor um conjunto de documentos basilares para compreender o empenhamento cultural e o pioneirismo dos autores presentes nesta seleta, sendo alguns deles os representantes de maior relevo das letras brasileiras, como, para citar apenas três exemplos, Gonçalves Dias, José de Alencar ou Machado de Assis. Em paralelo, a operação crítica e contextualizadora realizada, com erudição e clareza, pelo organizador, ilumina os impasses, a lucidez ou o atrevimento dos intelectuais oitocentistas e do seu «olhar obliquamente vertical» — como denominara Michel de Certeau o escorço analítico que exige qualquer reflexão sobre a contemporaneidade — sobre a existência e as origens da literatura brasileira; sobre a dialética entre imitação e nacionalização da escrita e da língua literárias ou sobre a natureza institucional da literatura, da crítica e da historiografia e do seu vínculo constitutivo com a sociedade nacional.

Por todas estas razões, a obra de Roberto Acízelo de Souza afigura-se essencial para um melhor conhecimento e valorização da atividade cultural, intelectual e historiográfica do Brasil oitocentista.

Alva Martínez Teixeira